

IN FORMAÇÃO DA MEDIDA

Interessante pensar as coisas da vida como uma série de coincidências. Não como sequência de fatos precisamente ligados por relações de causa e efeito.

As coincidências são fáceis de serem pensadas em correspondência com números, independentes do tempo e do espaço em termos de trajetórias. Mais ligadas, portanto, às noções de probabilidades.

Também muito ligadas, no sentido de acontecer, mais ao instantâneo que ao decorrer do tempo.

E também não contém a questão da velocidade, porque não dizem respeito ao que aconteceu, ou ao que vai acontecer, mas ao acontecido.

O acontecido seria uma espécie de síntese, no real, definindo mesmo a realidade, de várias coisas que se juntam em simultaneidade.

Coisas que podem ser de múltiplas naturezas, que podemos perceber ou que talvez nem possamos nunca perceber, ou que iremos aprendendo a perceber ou que numa coincidência venhamos a descobrir.

Uma série de coincidências podem ter uma certa correlação, e dependeria das coisas que ficam em simultaneidade. O maior ou menor grau de correlação daria a validade, ou a confiabilidade, das relações de causa e efeito.

Seriam esses graus de correlação que confeririam sentido, significado, ao processo de medir uma série de coincidências encadeadas, pelo menos na aparência.

Essa aparência de encadeamento será definida pela intenção que leva à medida.

A intenção é então o elo que realiza as simultaneidades em relações causais. Realiza no sentido de tornar o real uma nova construção de outras coincidências com forte grau de correlação.

E a medida é a concretização, a materialização, desse elo.
É a coincidência entre a intenção e o real já acontecido, criando uma nova realidade, a do conhecimento através da ação.

O fato de não termos idéia das coisas que se sintetizam nas coincidências que formam a realidade dá uma maior ou menor confiabilidade à medida, conforme a intenção que a determinou.

Acataremos então os valores da medida segundo as leis de probabilidade que regem o processo de medida escolhido.

Portanto as leis de probabilidade refletem ao mesmo tempo o grau de conhecimento e de ignorância que temos sobre a consideração das relações de causa e efeito entre as coincidências constituintes do real.

É o que chamamos de incerteza da medida.

A intenção, então, como intuição, já contem elementos da realidade expressos nas relações de probabilidade.

Quanto mais elementos da realidade contiver mais precisa será a medida.

O limite seria a identidade pensamento-realidade, o conhecimento puro e direto, sem a intermediação da ação, sem a medida. A criação.

Na ação portanto se estabelece o tempo.

Na transformação.

Costumamos medir tudo na vida, às vezes com a melhor das intenções.

Haveria entretanto coisas incomensuráveis?

Seria o sentido da nova realidade, adquirido pelo resultado da medida, que dará a informação sobre sua incomensurabilidade ou não.

Esse sentido será revelado, o significado aceito ou não, pelo desencontro que as medidas vão apresentar com outros encadeamentos de coincidências definidos por outras intenções.

Seria então definido um conjunto de intenções coerente, que apresentaria um número maior de acordos entre si.

Seria a definição de um conceito de realidade mais amplo, que incluiria o conhecimento dela ao nível do intuitivo, da intenção, da adivinhação dela antes dela acontecer mas como se já tivesse acontecido.

Dai o reconhecimento das más intenções . A possibilidade de.

O conjunto das intenções definiriam um destino humano, ao mesmo tempo intencional e pressentido.

Os atos criativos seriam atos realizados através de coincidências, portanto sem explicação de causa e efeito aparente.

Entretanto são atos que sintetizam informações de alguma forma pré-existentes, talvez com algum ingrediente a mais.

Esse ingrediente seria, talvez, a previsão do acontecido antes de acontecer, portanto algo que viola as leis de causa e efeito. O limite.

A explicação, a medida, a lógica, são ingredientes surgidos nas considerações que relacionam causa e efeito.

Serão portanto limitados, num contexto mais amplo da vida.

O positivismo definiu esses ingredientes como sendo as características da ciência, limitando assim o próprio alcance da ciência.

O positivismo é , portanto, uma intenção limitada.

O ser humano pode criar, e portanto se constituir dentro da própria realidade.

A ciência positivista pode, se tomada como intenção de vida, causar estados de alienação de importantes coincidências.

As coincidências de sentir a vida como real.

As ações sobre o real, que o modificam em novo real, exigem uma disponibilidade de não se preocupar com a explicação, com a lógica, com a medida exata.

Exigem uma liberdade que permita captar razões, motivações, mais profundas, para sintetizar as ações em atos.

Talvez esses atos sejam todos com a mesma ligação com a realidade que os atos que chamamos de vegetativos.

Esses são considerados automáticos, de tão naturais, de tão reais.

Os outros podem estar simplesmente tolhidos de sua possibilidade de realizar suas coincidências naturais, seu encontro com o destino, que poderia ser o conjunto de coisas que caminham para as coincidências, só esperando pelas intenções.

junho 84

Amélia Império Hamburger